

Um crime contra São Paulo

A cidade de São Paulo corre o sério risco de se ver transformada em campo de provas para a eleição presidencial de 2002. Quase todos os prováveis candidatos à sucessão do prefeito Celso Pitta – bem como seus patronos – são produtos de equações políticas que nada têm a ver com o imperativo de resgatar a maior cidade do País e da América do Sul do caos administrativo e moral em que está mergulhada. Vários desses candidatos em potencial devem se apresentar apenas para “tomar a temperatura da água” e procurar deixá-la ao gosto de suas ambições, ou seja, valer-se do acesso gratuito à *mídia* eletrônica única e exclusivamente para testar e incrementar o seu prestígio pessoal – ou o dos caciques dos quais são prepostos – tendo em vista a competição pelo Planalto daí a dois anos, ou pelo Palácio dos Bandeirantes. Na primeira modalidade, tem-se o ex-presidente Fernando Collor, cujos apetites políticos ignoram limites jurídicos, geográficos e, como já se provou, todos os demais – e que a partir de 2001 estará legalmente habilitado a tentar a reconquista do cargo do qual foi destituído. A segunda espécie, a dos “bois de piranha”, está representada, entre outros, pelo deputado federal Emerson Kapaz, que, tendo trocado o PSDB pelo PPS, entrará na liça para antecipar em São Paulo a campanha à Presi-

dência do ex-ministro Ciro Gomes, e por Francisco Rossi, novo “achado” político de Paulo Maluf, depois do fracasso estrondoso da sua última “cria”.

Não há nada de novo na estratégia de disputar um pleito apenas para fixar o próprio nome e uma certa imagem junto ao eleitorado. E São Paulo, efetivamente, é “a maior vitrine eleitoral do País”, como diz um cientista político na citada reportagem. Mas, diante do estado de calamidade em que se encontra a cidade, o mínimo que se deveria esperar seria uma aliança entre as forças políticas respeitáveis – entre as esquerdas e o centro, por exemplo, como já preconizava o deputado petista Eduardo Jorge em artigo publicado no *Estado* de 23 de junho deste ano – contra o aventureirismo político, visando a dar a São Paulo um governo competente, voltado exclusivamente para a recuperação administrativa e moral da cidade e não para a próxima etapa da carreira política do seu chefe. O estado de calamidade pública em que se encontra a cidade é o produto agregado de sete anos de ocupação do poder municipal pelo *apparat* malufista, que fez da capital o que de mais parecido

se poderia conceber, no País, na devida escala, com a Chicago dos anos 20 do crime organizado. Além da ruína financeira e da degradação administrativa – que saltam à vista até na paisagem urbana –, o malufismo contribuiu como nenhum outro fator, isoladamente, para concentrar no município, de maneira explosiva, as piores chagas sociais da realidade nacional.

Nessa perspectiva, cabe chamar de “crime eleitoral” a deturpação de uma disputa que deveria destinar-se à escolha não de políticos que querem fazer de São Paulo um trampolim para vãos políticos mais altos, mas de um administrador com sólido conhecimento da cidade, experiência administrativa bem-sucedida, manifesta probidade e inequívoco respaldo social – compatível com a heterogeneidade característica de São Paulo –, pois só um prefeito dotado desses atributos – que possa contar com o apoio irrestrito do governo do Estado – terá meios de lançar-se ao resgate moral e administrativo da cidade. Tamanho desafio está claramente além das possibilidades da grande maioria dos candidatos até agora conhecidos, a começar da atual favorita, a sexólo-

ga e ex-deputada Marta Suplicy. Apenas a sua inegável simpatia pessoal e seu reconhecido empenho na defesa de valores comportamentais, por sinal controvertidos, obviamente não a credenciam para essa tarefa de reconstrução – que exigiria um novo Prestes Maia ou um novo Figueiredo Ferraz.

Para que os paulistanos possam eleger o candidato mais apto a evocar esses dois histó-

**É preciso um
prefeito
preocupado
com a cidade
e não com sua
carreira**

ricos governantes, as questões locais – não outras – e o confronto das alternativas para enfrentá-las deveriam dominar a campanha. A única esperança

de que isso aconteça está nos próprios eleitores. No entender de uma cientista política também entrevistada na reportagem do *Estado*, “a cidade está numa situação muito difícil, a agenda nacional não estará em discussão e os candidatos que insistirem nisso vão fracassar, porque o eleitorado sabe muito bem separar as coisas”. Assim seja. Mas, para que seja assim, é preciso que surja alguém que mereça a confiança desse eleitorado.